

Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária, constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, em Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● Em Outubro de 2022, realizou-se nova conferência mundial, em Paris, precedida de uma conferência internacional das mulheres trabalhadoras. Delegados de 43 países subscreveram um apelo que actualiza o Manifesto de Mumbai à luz da situação mundial (*).

● Compõem o comité de acompanhamento militantes operários de todas as tendências:

Camille Adoue (França)
Innocent Assogba (Benim)
Alan Benjamin (EUA)
Colia Clark † (EUA)
Adama Coulibaly (Burkina Faso)
Constantin Cretan (Roménia)
Berthony Dupont (Haiti)
Daniel Gluckstein (França)
Rubina Jamil (Paquistão)
Christel Keiser (França)
Apo Leung (China)
Nnamdi Lumumba (EUA)
Randy Miranda (Filipinas)
Mandlenkosi Phangwa (Azânia)
Liliana Plumeda (México)
Milind Ranade (Índia)
Klaus Schüller (Alemanha)
Jung Sikhwa (Coreia)
Mark Vassilev (Rússia)
Nambiath Vasudevan (Índia)

(*) Afeganistão, Alemanha, Argélia, Azânia, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burkina Faso, Burundi, Canadá, Chile, China, Congo, Coreia, Egipto, Estado espanhol, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Itália, Marrocos, México, Palestina, Paquistão, Peru, Portugal, Roménia, Rússia, Senegal, Sri Lanka, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Zimbabue.

GAZA

“Estimativa de 186 mil mortos desde o início do conflito”, anuncia a revista médica *The Lancet*

“*Contar os mortos em Gaza: difícil, mas essencial*” é o título de um artigo publicado no dia 5 de Junho pela revista médica universitária britânica *The Lancet*. A revista estima o número de mortos no actual conflito em Gaza em 186 mil ou mesmo mais, ou que equivale a 7 a 9% da população total da Faixa de Gaza. Este número, muito superior aos quase 38 mil mortos anunciados pelo Ministério da Saúde do Hamas, é uma estimativa. Contempla tanto as mortes directas como as chamadas mortes indirectas, por doença.

ONGs com presença no terreno confirmam a congruência desta estimativa. Jean-François Corty, presidente da *Médicos do Mundo*, refere, nomeadamente, que “o balanço de 186 mil mortos mencionado na revista *The Lancet* é coerente com a situação sanitária, militar e geopolítica resultante do bloqueio marítimo, aéreo e terrestre imposto à Faixa de Gaza. Esta estimativa é um verdadeiro reflexo da tragédia absoluta vivida localmente pela população”. Acrescenta que os números apresenta-

dos pelo Hamas estão subestimados, não contemplando “*todos os mortos que ficaram debaixo dos escombros dos bombardeamentos nem as vítimas indirectas, que morreram por falta de cuidados ou de acesso aos mesmos, ou porque não puderam ser transportadas para um centro de saúde*”. Antes de 7 de Outubro, havia trinta e cinco hospitais operacionais em Gaza, “*agora sobram apenas entre cinco e dez, e estão saturados de doentes. Eles não recebem apenas doentes, mas também famílias de deslocados, e estão em ruptura de tudo – gásóleo para os geradores, medicamentos e equipamento médico e cirúrgico. Se se acrescentarem as pessoas em risco de morrerem nas próximas semanas e meses, de subnutrição ou em consequência de ferimentos infligidos pelos bombardeamentos israelitas, dado o risco de infecção superveniente e por a sua patologia ser tratada tarde, então sim, o número de 186 mil mortes mencionado no *The Lancet* merece crédito.* ■

Nelly Marie

COREIA DO SUL

“O sindicato não é um acessório do capital”

Correspondência de Seul sobre a histórica greve na Samsung Electronics

Pela primeira vez desde a criação da Samsung Electronics, há cinquenta e cinco anos, houve uma greve sindical. A Samsung Capital é notória pela sua cultura empresarial autoritária. Os fundadores da empresa opunham-se à criação de sindicatos. “*Não serão permitidos sindicatos até o pó me cobrir os olhos*”, dizia o patrão.

A Samsung fez coisas terríveis nas últimas décadas. Comprou trabalhadores que queriam formar um sindi-

cato. Quem não aceitasse ser subornado era ameaçado por bandos. A direcção tinha uma rede de bufos nas oficinas. Além de ter laços estreitos com a polícia, os procuradores e os serviços de informações da Segurança Nacional.

Durante mais de trinta anos – desde a greve dos trabalhadores coreanos de 1988, severamente reprimida – não houve, pois, um verdadeiro sindicato no conglomerado da Samsung.

No entanto, quando o Partido Democrático chegou ao poder, após o protesto nacional à luz das velas* e a destituição do antigo presidente, começaram a formar-se sindicatos.

O consórcio Samsung tem agora cinco. O *Samsung Electronics Workers' Union*, fundado em 2019, é o maior. Planeia aderir à KCTU, a Confederação Coreana de Sindicatos.

Este sindicato contava dez mil membros em Dezembro de 2023, 28 mil em Maio de 2024 e 30.600 em Julho. Um quarto dos 125 mil empregados da Samsung Electronics passaram, assim, a estar sindicalizados. Muitos deles estão concentrados na divisão de negócios de semicondutores, um elemento-chave nas operações da Samsung!

As negociações salariais estavam paralisadas desde Março de 2024. Apesar de agora existir um sindicato, a direcção decretou unilateralmente, no conselho de empresa, que o aumento seria 5,1%. O sindicato exige 6%.

Além disso, a Samsung não concedeu prémios aos trabalhadores, embora aos quadros ten-

ha pago prémios no valor médio de 200 mil dólares americanos.

Outro ponto de revolta: a “pausa para frescos”, abolida durante a recessão económica, que ficou por repor.

O sindicato proclamou então que a greve geral decorreria de 8 a 10 de Julho.

No dia 8 de Julho, 4 mil trabalhadores concentraram-se à porta de uma fábrica da Samsung nas proximidades da área metropolitana de Seul. Nunca tal tinha acontecido na empresa.

Estamos, pois, perante uma luta e uma indignação que visa proteger a independência dos sindicatos e os direitos dos trabalhadores contra o capital unilateral e autoritário, que exclui os sindicatos e determina os salários através dos conselhos laborais.

Esta luta mostra, pela primeira vez em cinquenta e cinco anos na Samsung, que “*os trabalhadores são seres humanos*” e que “*temos o direito de negociar em pé de igualdade com a Samsung Capital*”.

Espera-se que as negociações cheguem a um acordo nos próximos dias e que os trabalhadores obtenham resultados

económicos. Além disso, tem que ficar a fazer parte da paisagem que o sindicato existe como instrumento de oposição dos trabalhadores à administração, não como correia de transmissão da Samsung. O sindicato não é um acessório do capital.

Espera-se que não haja repressão dura, porque a Samsung Capital tem muito dinheiro e poderá ceder por causa da atmosfera social. Apesar de o actual governo ser de extrema-direita, há uma mobilização com presença forte dos sindicatos – o que suscita uma reflexão. Como fazer para não nos ficarmos pela reivindicação social imediata? Seria preciso um esforço consciente da direcção da KCTU e a solidariedade dos outros sectores sindicais para voltar ao que o movimento sindical era à sua constituição, nos anos 80, quando punha a questão da transformação da sociedade. ■

Jung Shi Kwa, Seul, 9 de Julho

* Em 2017, a “revolução das velas” redundou na destituição e prisão da presidente Park Geun-hye, filha do antigo ditador militar Park Chung-hee.

FRANÇA

Receberam um mandato, agora viram-lhe as costas

Editorial do nº 449 de *La Tribune des travailleurs* – 17 de Julho de 2024

Ao escrevermos estas linhas, ninguém sabe qual vai ser a composição do próximo governo, nem quando será anunciado. Todas as hipóteses estão em cima da mesa, de um governo de coligação entre a direita e os macronistas a um amplo “arco republicano” que vá do Partido Socialista e dos Verdes até à direita e aos macronistas. Outra hipótese: Macron fazer durar o mais tempo possível um governo “técnico”, encarregado de “despachar os as-

suntos correntes” à espera de... uma provável dissolução, em Julho de 2025.

Há uma hipótese que se parece afastar cada vez mais: a da constituição de um governo dos partidos da Nova Frente Popular (NFP), apesar de esta ter ficado à frente no dia 7 de Julho.

Como compreendê-lo?

Ninguém se admirará de ouvir o Medef e outros porta-vozes do capital financeiro a berrar que o

programa da NFP é o desastre. Para eles, a mínima melhoria da situação dos assalariados, por limitada que seja, por respeitadora que seja da Vª República e do regime capitalista... é demais!

Porém, como se há-de entender a luta feroz travada pelas diferentes componentes da Nova Frente Popular, luta cujo vencedor se conhece à partida: Macron e, portanto, a classe capitalista cujos interesses ele representa?

Não há como não ver que todos eles estão a contribuir para a situação. Qualquer proposta de nome para o cargo de Primeiro-Ministro faz aumentar a tensão e a divisão. É uma verdadeira escalada. “Impossível” é o termo que parece dominar as “conversas” entre os partidos membros da NFP.

Os trabalhadores e os jovens que votaram maciçamente nos candidatos da NFP assistem a este espectáculo consternados. Perguntam: “Estes dirigentes de esquerda quererão mesmo governar para levar o seu programa à prática?”

Na noite da segunda volta, Jean-Luc Mélenchon declarou que era necessário aplicar “o programa da NFP, todo o programa e só o programa”. Cinco dias mais tarde, porém, a 12 de Julho, no final de uma reunião dos seus apoiantes na sua sede do nº 87 da rue du Faubourg-Saint-Denis, apelou à “conquista do poder, de que sabemos qual é a data e quais são os meios, 2027 e as eleições presidenciais”. Se é em 2027, não é em 2024... Que interessa a eleição de 7 de Julho, que interessam mais três anos com Macron e a sua política?

Quanto ao Partido Socialista e às outras componentes da Nova Frente Popular, eles sabem que,

ao proporem para primeiro-ministro uma “figura da sociedade civil” que, dias antes, apelara à aliança com os macronistas, estão a atizar a divisão.

Todos eles viram as costas ao mandato que receberam do voto popular de milhões de mulheres, homens e jovens no dia 7 de Julho. Todos eles se esquivam.

Entretanto... Macron vai governando. Regresso às aulas daqui a poucas semanas? Vai ser o preparado por Belloubet, com dezenas de milhares de professores e funcionários responsáveis pelo apoio a crianças com deficiência em falta. Guerra na Ucrânia? Macron acaba de lhe afectar mais 2.300 milhões de euros. O decreto contra os desempregados? Vai ser publicado não tarda nada. Lei anti-imigração de Damanin? Foram publicados hoje, 16 de Julho, decretos de regulamentação! Acrescentemos a esta lista o Tribunal de Contas, que manda fazer cortes de mais 50 mil milhões ao orçamento de 2025, e Le Maire, que está a cortar mais 5 mil milhões ao orçamento actual... Mais o anúncio de uma nova reforma das pensões – que a do ano passado não terá chegado...

Nada está resolvido. Os trabalhadores estão no seu direito se disserem àqueles que puseram em

primeiro lugar na eleição de 7 de Julho: “Parem com a divisão! Formem um governo dos vossos partidos para aplicar o programa que puseram à votação popular! Caso contrário, se persistirem em virar as costas ao mandato, se espezinharem a democracia que reivindicam, saibam que os trabalhadores irão procurar a satisfação das suas reivindicações na sua própria luta de classe. Falo-ão sem vocês, salvaguardando a independência dos seus sindicatos, que não têm nada que ser arrastados para as vossas divisões”.

Seja qual for o resultado imediato, a Vª República está ferida de morte.

Seja qual for o desenlace imediato, vai ser necessário impor um governo de ruptura operária que revogue a função monárquica do Presidente da República, munido de todos os poderes, e varra a própria Vª República.

Seja qual for o desenlace imediato, a classe operária precisa de se manter unida e forte, com as suas organizações, para fazer vingar os seus interesses e aspirações. Acabando por impor um governo que seja seu, sem Macron nem patrões. ■

Daniel Gluckstein
16 de Julho, 18h